



Crescimento robusto

Produção em alta, desemprego em queda e inflação sob controle: reflexos de um novo Brasil

Um ano depois de a bolha imobiliária nos Estados Unidos provocar os primeiros sinais de desaquecimento nos países desenvolvidos, a economia brasileira continuou apresentando crescimento robusto. No segundo trimestre de 2008, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu acima das expectativas: 6,1% em relação ao mesmo período de 2007. Foi o 26º aumento consecutivo, confirmando o mais longo ciclo de crescimento da série trimestral, medida desde 1991 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os motores do crescimento têm sido a Formação Bruta do Capital Fixo (FBCF), que mede a taxa de investimento, e o consumo das famílias. Em relação ao mesmo trimestre de 2007, a FBCF cresceu 16,2%, mais do que o dobro do aumento do PIB e do consumo das

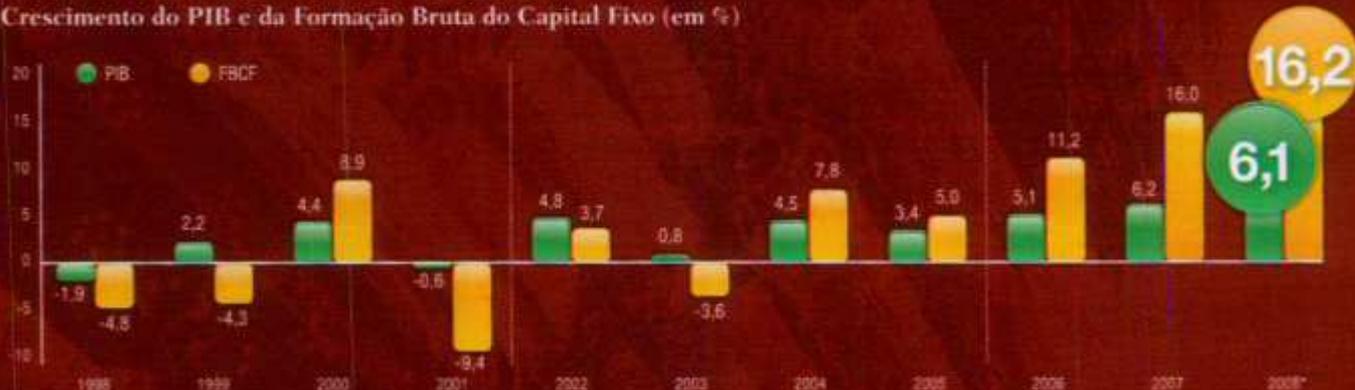
famílias (6,7%). O atual ciclo de investimentos é puxado tanto pelo consumo aparente de máquinas e equipamentos quanto pela construção civil.

O consumo das famílias, que representa cerca de 61% do PIB, reflete o aumento dos empregos formais, da massa salarial real e do nível de crédito. No entanto, se comparado aos 8,7% do quarto trimestre de 2007, seu crescimento no segundo trimestre de 2008, de 6,7%, mostra uma acomodação em um nível mais moderado, indicando uma progressiva convergência no ritmo de expansão da demanda e da oferta.

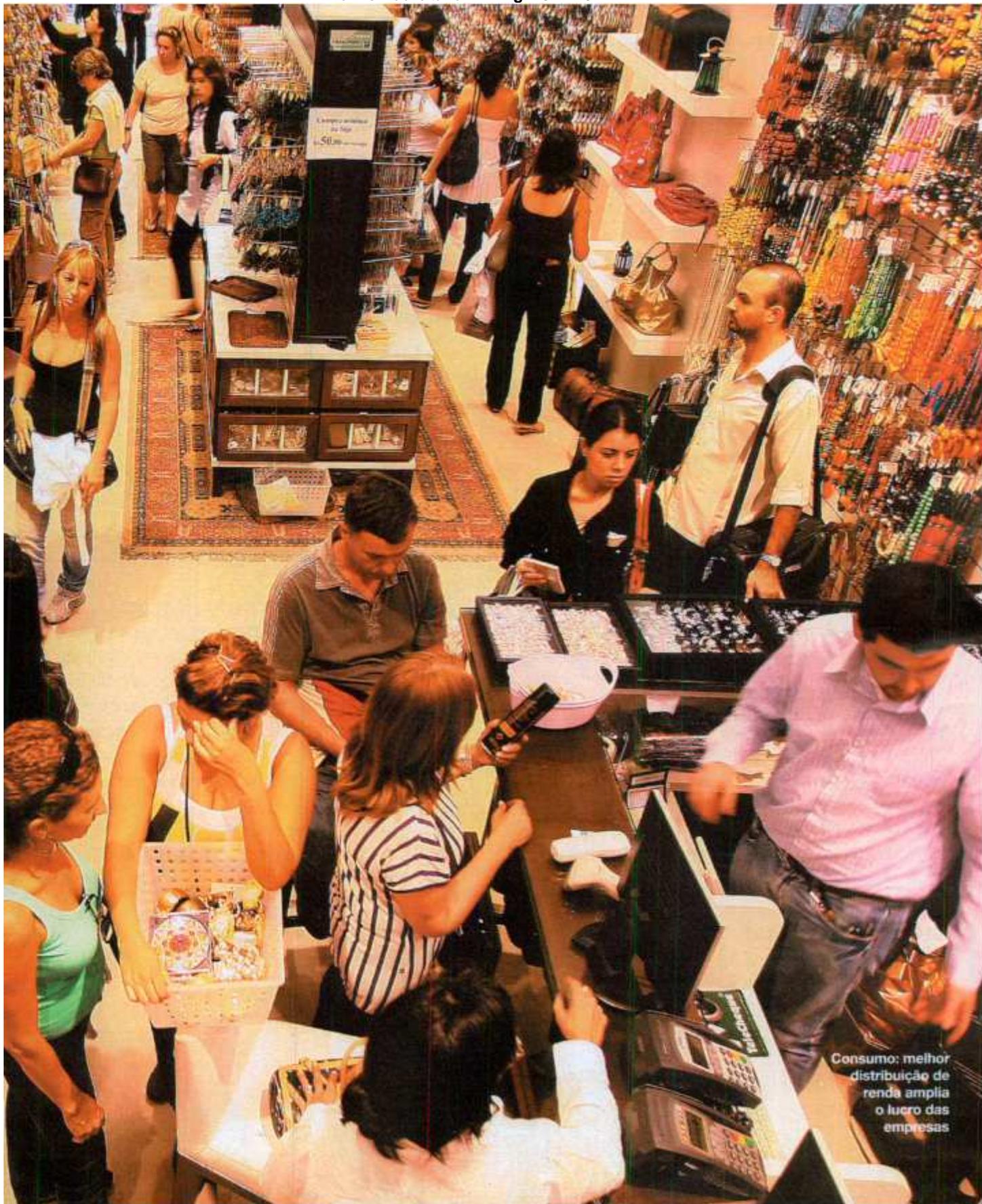
Alguns dos setores que mais contribuíram para o resultado do PIB, sempre na comparação com o mesmo trimestre de 2007, foram a agropecuária (7,1%), a indústria (5,7%) e os serviços (5,5%).

Maior ciclo dos investimentos

Crescimento do PIB e da Formação Bruta do Capital Fixo (em %)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE. * Variação no trimestre e mesmo trimestre do ano anterior.



Consumo: melhor distribuição de renda amplia o lucro das empresas

Ministério
da Fazenda

ECONOMIA SUSTENTÁVEL

Crédito para habitação

O crescimento da agropecuária pode ser explicado, em grande parte, pelo desempenho de safras como a do café em grão, do milho, do arroz em casca e da soja. Outro destaque foi a construção civil (9,9%), estratégica pela sua elevada capacidade de gerar empregos e renda. O setor tem ganhado impulso com o aumento do número de brasileiros com carteira assinada e com o crescimento nominal de 26,7% das operações de crédito para habitação.

De janeiro a agosto de 2008, a indústria teve crescimento de 6,6%. Praticamente todos os setores industriais registraram expansão, com destaque para as montadoras de automóveis (18,4%). Máquinas e equipamentos (10,0%), outros equipamentos de transporte (32,5%) e metalurgia básica (7,9%) também mostraram elevados índices de crescimento. Por categorias de uso, os setores de bens de capital (18,1%) e de bens de consumo duráveis (13,3%) lideraram a expansão. Esses números evidenciam o dinamismo do ciclo de investimentos e do consumo doméstico apoiado, principalmente, no crédito.

Aumento da capacidade

A indústria avança com o aumento da produtividade, superior ao crescimento dos salários, outro fator que ajuda a evitar impacto inflacionário. É importante destacar os investimentos na ampliação da capacidade produtiva, especialmente por parte dos fabricantes de bens de capital.

Emprego formal

Bom desempenho da economia se reflete no mercado de trabalho (em milhares)



Fontes: MTE / Caged -> Elaboração: MF / SPE -> * Valores acumulados nos últimos 12 meses, terminados em agosto



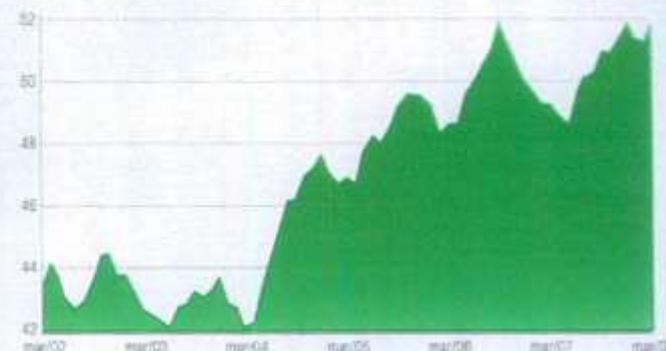
Automóveis: Brasil ultrapassa a França e é o sexto maior produtor mundial

Mas a principal marca do ciclo de desenvolvimento que o Brasil inaugurou é a emergência de uma nova classe média. Por trás dessa mudança, que criou no país um mercado de massa, está um conjunto de fatores: ganhos de renda, aumento do salário mínimo, expansão do emprego, controle da inflação e programas sociais que levaram à melhoria na distribuição de renda.

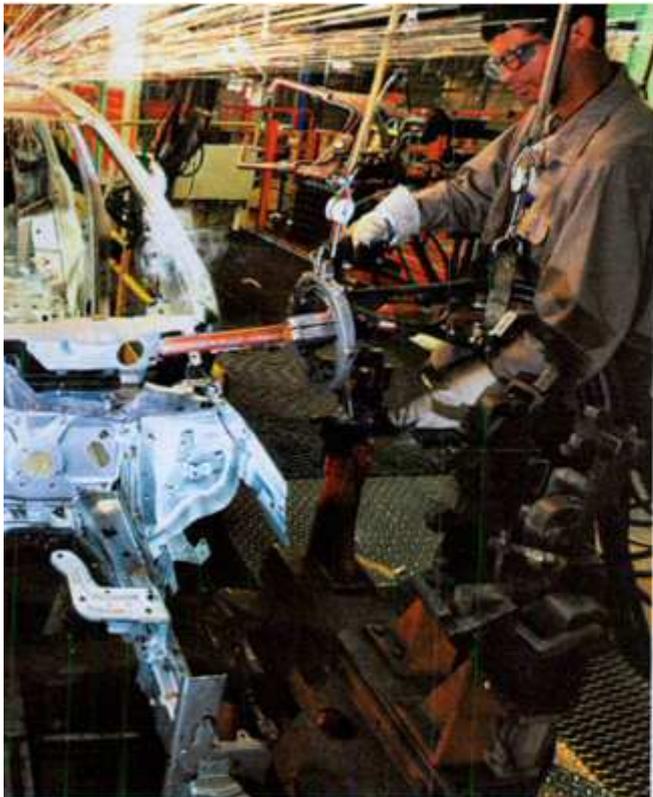
Em 2007, o ganho médio mensal do trabalhador brasileiro cresceu pelo terceiro ano consecutivo, alcançando 960 reais, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Até o fim do ano, a criação de empregos deve superar,

Nova classe média

Classe C representa 50% da população



Fontes: CPS / IBE / FGV, com base nos microdados da PNE / IBGE - 15 a 60 anos



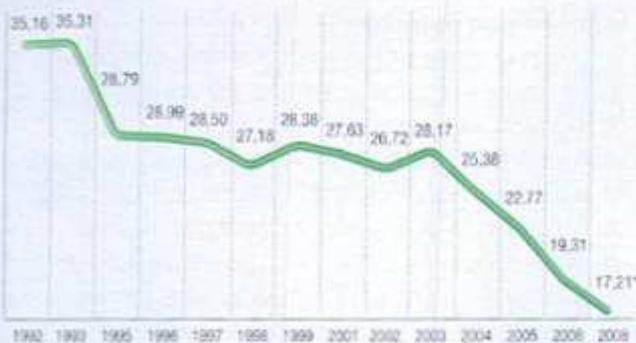
Gustavo Lobo

pela primeira vez, a marca de 2 milhões. No primeiro semestre de 2008, a abertura de novos postos de trabalho na construção civil superou os números de todo o ano anterior. Em agosto, a taxa de desemprego nas seis principais regiões metropolitanas ficou em 7,6%, a menor em muitos anos.

O número de trabalhadores com carteira assinada totalizou 32 milhões em 2007, o que representou crescimento de 6,1%. O índice de formalização no emprego é o maior desde o início da série histórica em 1992 e tem como causa principal a maior segurança das empresas em relação ao cenário econômico.

Redução da miséria

Cai o número de pessoas que vivem com até 135 reais por mês (em \$)



Fonte: CPS/ITM processing Prod - BGE mensada - * Projeção baseada no PME até abr/08 acresce últimos 12 meses

A oferta de recursos também tem sido um instrumento importante para o crescimento econômico. O consolidado das operações de crédito, por exemplo, alcançou 1,1 bilhão de reais, com uma participação de 38% sobre o PIB, bem acima dos 32,8% na comparação com o mesmo período de 2007.

Queda da desigualdade

Nesse cenário, a classe C se tornou a faixa mais numerosa da população, alterando profundamente o perfil do consumo. Uma recente pesquisa do Centro de Estudos Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estima que a nova classe média é composta por 93 milhões de pessoas ou 50% dos brasileiros. Somando a classe A/B, o Brasil passou a contar com 120 milhões de consumidores, um dos maiores mercados do mundo.

É a maior mudança na estrutura social do país e pode ser observada no dia-a-dia. Em 2007, 11,4 milhões dos domicílios – o que corresponde a 20,4% do total – já tinham acesso a microcomputador e à internet; são 2,1 milhões a mais do que no ano anterior. O Brasil deverá fechar o ano com mais de 140 milhões de celulares, e 77% dos lares têm algum tipo de telefone – em 1992 eram apenas 19%.

O grande destaque da Pnad foi, no entanto, a queda da desigualdade social. O número de pessoas em condições de miséria continuou em queda, bem abaixo dos índices registrados entre 1995 e 2003. A redução na diferença entre ricos e pobres também foi confirmada pelo Índice de Gini, que passou de 0,541 para 0,528.

O Brasil ingressou em um novo ciclo de desenvolvimento, que teve início em 2004 com a retomada do crescimento. Essa nova etapa da economia guarda profundas diferenças em relação às anteriores. Entre os anos 50 e o início dos 80, o Brasil viveu uma arrancada desenvolvimentista, que não eliminou a concentração de renda. As duas décadas perdidas, de 1981 a 2002, foram marcadas por crescimento baixo (média de 2,1% ao ano) e irregular, alto índice de desemprego e políticas sociais de resultados limitados. O novo ciclo é prolongado, consistente, uniforme e de qualidade e, ao contrário dos anteriores, está voltado para a igualdade e para a inclusão social. ■